**7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Associação
Brasileira de Relações Internacionais**

**Área Temática prioritária: Segurança Internacional, Estudos Estratégicos e Política de
Defesa**

Rafael Esteves Gomes

GUERRA CIVIL SÍRIA: CONTEXTO INTERNO E PARTICIPAÇÃO RUSSA

Porto Alegre

2024

Resumo

Mesmo com a criação da Organização das Nações Unidas e dos limites institucionais para a realização de operações militares, conflitos armados são uma realidade constante da política internacional, afetando as condições políticas, econômicas e sociais dos países ao redor do globo. Após reprimir protestos violentamente em 2011, o regime sírio, liderado pelo Presidente Bashar Al-Assad, se viu tendo que lidar com uma sangrenta guerra civil. O conflito foi marcado pelas hostilidades entre governo e oposição, além da participação de outros grupos visando o próprio interesse, como os curdos e os integrantes do Estado Islâmico do Iraque, da Síria e do Levante. Tal configuração possibilitou a atuação de outros países, sendo estes importantes atores regionais ou internacionais, neste conflito intraestatal, com destaque para Estados Unidos, Rússia, Turquia e Irã. Nesse sentido, este trabalho busca explorar, de forma introdutória, a conjuntura política, econômica e social que levou aos acontecimentos descritos na República Árabe da Síria, abordando também os principais atores e suas motivações. Dentre os grandes atores globais, este trabalho irá priorizar a análise da participação direta da Rússia no conflito sírio, tendo a sua interferência modificado a correlação entre as forças na Síria. A importância desse tema é justificada pelos impactos que trouxe no cenário do Oriente Médio e global, além de ser uma guerra civil ainda sem solução no cenário internacional atual. Como é um conflito ainda em andamento, foi delimitado um período de análise, sendo este entre 2011 e 2019. A restrição neste período se baseou no desenvolvimento das hostilidades, tendo chegado a uma estagnação após o ano de 2019. Busca-se demonstrar a dinâmica deste conflito através da metodologia da análise do estudo de caso. Em relação às fontes utilizadas, serão avaliados as notícias de jornais ao longo do período, dados oficiais, particularmente apresentados pela Organização das Nações Unidas, artigos e livros que abordem tais assuntos.

Guerra Civil Síria: contexto interno e participação russa¹

Introdução

A partir de sua importância geopolítica, o Oriente Médio e o Norte da África chamam a atenção dos grandes atores internacionais, principalmente devido à sua localização estratégica e abundância de recursos energéticos. Minha sugestão para a atualidade deste estudo consiste em analisar a incidência dos conflitos intra e inter-estatais no Oriente Médio depois da intervenção dos Estados Unidos no Iraque (2003) e da desestabilização da situação regional após os acontecimentos da “Primavera Árabe”, que resultou em guerras civis na Líbia, na Síria e no Iêmen, repercutindo-se em levantes e crises na Tunísia, no Egito, na Argélia, no Marrocos e vários outros países do Oriente Médio e do Magreb.

Minha sugestão para o objeto deste estudo é o exame da situação interna e externa na Síria, durante o conflito civil e da expansão do Daesh (“estado islâmico”) sobre o território histórico do Levante.

Nesse sentido, destaca-se a República Árabe da Síria como um importante país do Oriente Médio, tendo em vista os seus aspectos geopolíticos. Outro ponto importante é as suas reservas de petróleo, concentradas mais ao leste e na fronteira com o Iraque, que tornaram o país, em 2010, o quadragésimo nono maior exportador global de petróleo bruto, de acordo com a *U.S. Energy Information Administration* (EIA, 2021). Além desses fatores, há uma relevância histórica na Síria que marcou o surgimento e expansão do pan-arabismo na região (BUZZETO, 2019, p. 2). Outro ponto importante, a Síria é um grande aliado estratégico da Rússia na região desde o governo de Hafez Assad, tendo este cedido o porto de Tartus à Moscou em 1971.

Dessa forma, o conflito armado, iniciado em 2011, que assola o país já desestabilizou a economia e infraestrutura síria, além de desabrigar aproximadamente 12 milhões de pessoas (NAÇÕES UNIDAS, 2023). Para entender o conflito, é necessário analisar o contexto da “Primavera Árabe”. Este evento, como nominalmente ficou conhecido, foi uma série de protestos e distúrbios sociais em países do mundo árabe, tendo como ponto de partida manifestações na Tunísia e, como consequência, a mudança de regime, algo que se alastrou em toda a região. Os protestos ocorreram em uma série de países do Oriente Médio e Norte da África, com explosões sociais de larga escala e revoluções percorrendo cinco países da região: Tunísia, Egito, Síria, Iêmen e Bahrein (GRININ, L.; *et al*, 2019, p. 125). Diante deste

¹ Este artigo faz parte da dissertação de mestrado a ser defendida em março de 2025.

contexto, na Síria surgiram protestos na cidade de Daar, os quais se alastraram para o interior do país. Droz-Vincent (2014) especifica as razões pela qual a cidade foi o primeiro grande palco das manifestações:

Dar'a é uma cidade marginalizada que obtém sua renda da produção agrícola, do comércio fronteiriço com a Jordânia e da migração para o Líbano. Todas essas fontes de receita foram prejudicadas na década de 2000 devido a uma crise agrícola, uma nova rodovia rápida que contorna a cidade e a retirada das tropas sírias do Líbano em 2005. (2014, p. 34) (Tradução própria)²

Dessa forma, o governo de Bashar Al Assad articulou uma violenta repressão contra estes grandes protestos, dos quais parte da sociedade síria foi gradualmente se posicionando como uma oposição política e militar (Ibid, p. 57). Assim, eclodiram as hostilidades entre as forças do regime e diversos grupos opositores, dando origem a uma sangrenta guerra civil.

Tendo em vista diversos níveis de análise, dos eventos percorridos da Primavera Árabe até o início do conflito se destacou como um processo de declínio e desintegração do Estado sírio (ZISSER, 2017, p. 556), que ficou dividido entre o governo, que conseguiu ter alguma coesão em seu aparato administrativo-militar (DROZ-VINCENT, 2014, p. 57), e seus partidários e os grupos opositores que se autodenominavam o Exército Livre da Síria. Nesse cenário, destaca-se que:

A Síria também se tornou uma arena de luta regional e internacional. Nesse sentido, Bashar al-Asad, assim como seus rivais, serviram como peões em um tabuleiro de xadrez cujos jogadores e eram as superpotências, principalmente os EUA e a Rússia, e potências regionais como a Arábia Saudita, o Catar, a Turquia e o Irã, Qatar, Turquia e Irã. (ZISSER, 2017, p. 555) (Tradução própria)³

Para além da questão política, a guerra civil síria ganhou um caráter religioso e étnico. Primeiramente, a desestabilização provocada pelas hostilidades tornou o país um local propício para o surgimento de grupos extremistas religiosos, como foi o caso do Estado Islâmico da Síria, do Iraque e do Levante (ISIS), ademais possibilitou a consolidação de

² Dar'a is a marginalized city which derives its income from agricultural production, border trade with Jordan, and migration to Lebanon; and all these sources of revenue were damaged in the 2000s due to an agricultural crisis, a new rapid highway circumventing the town, and the withdrawal of Syrian troops from Lebanon in 2005. (Texto original).

³ Syria also became an arena of regional and international struggle. In this regard, Bashar al-Asad, and his rivals as well, served as pawns on a chessboard whose players and movers were the superpowers, primarily the U.S.A. and Russia, and regional powers like Saudi Arabia, Qatar, Turkey, and Iran. (Texto original)

braços armados de grupos internacionalmente combatidos, como a Al Qaida. Outro ponto importante, foi o fortalecimento das forças paramilitares curdas, vivendo sob o prisma do curdistão sírio. Tais pontos são discorridos por Eyal Zisser dessa forma:

A guerra na Síria também levou à dissolução de fato do Estado sírio em várias entidades políticas diferentes: o Estado do ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria, ou Califado Islâmico de Abu Bakr al-Baghdadi), localizado no leste da Síria e no norte do Iraque; os restos do Estado sírio original, liderado pela dinastia Asad e com patrocínio russo e iraniano, localizado no oeste da Síria; os enclaves curdos autônomos, localizados nas partes leste e norte do território sírio; e os enclaves mantidos em partes significativas do norte e do sul da Síria por grupos rebeldes, liderados pela Frente Fath al-Sham (anteriormente, Frente de Apoio ao Povo da Síria, Frente al-Nusra ou Jabhat al-Nusra), afiliada até o final de julho de 2016 à al-Qaeda. (ZISSER, 2017, p. 556) (Tradução própria)⁴

É importante notar que, tendo em vista o caráter do conflito com diversos grupos lutando entre si, permitiu que a guerra civil ganhasse contornos globais. Diante disso, há a percepção de que a entrada direta de certos atores no conflito se deu pela tentativa de pender a balança para um dos lados, como foi o caso da Rússia, cujas tropas passaram a combater ao lado do regime de Bashar Al-Assad. Percebe-se também a atuação de Estados que visavam um objetivo a parte do apoio aos lados hostis, como o caso dos Estados Unidos e Turquia, com o primeiro enviando tropas para combater o chamado Estado Islâmico⁵ e o segundo ocupando territórios para combater os grupos curdos no norte da Síria⁶. Outros atores de grande importância são o Irã e Israel. O governo de Teerã, que apesar de não ter suas forças armadas diretamente envolvidas, conta com a participação de grupos da guarda revolucionária islâmica, como apoiadores do regime. Já Tel Aviv bombardeia constantemente o território sírio, buscando evitar que se torne uma base que possa ser usada para atacar Israel. Além disso, destaca-se a participação indireta das nações da península arábica, que

⁴ The war in Syria also led to the de facto dissolution of the Syrian state into several different political entities: the state of ISIS (The Islamic State of Iraq and Syria, or, the Islamic Caliphate of Abu Bakr al-Baghdadi), located in eastern Syria and northern Iraq; the remains of the original Syrian state, led by the Asad dynasty and enjoying Russian and Iranian patronage, located in western Syria; the autonomous Kurdish enclaves, located in the eastern and northern parts of Syrian territory; and the enclaves held in significant portions of northern and southern Syria by rebel groups, headed by Fath al-Sham Front (formerly, The Support Front for the People of Syria, The al-Nusra Front, or Jabhat al-Nusra), affiliated until late July 2016 with al-Qaeda. (Texto original)

⁵ Importante mencionar que os Estados Unidos atuavam como fornecedor de um importante apoio aos rebeldes sírios.

⁶ O governo turco entende que os grupos provenientes do curdistão sírio, apoiavam o PKK na Turquia, considerado este como uma organização terrorista curda pelo regime de Erdogan.

tentavam isolar o governo sírio a partir da exclusão de fóruns internacionais e apoio aos rebeldes.

Diante disso, a guerra civil é uma parte do conflito intra-estatal que se internacionalizou, quando houve a intervenção do Daesh nas hostilidades desde 2014, envolvendo o estabelecimento na Síria das forças armadas da Rússia, estas a convite do governo de Assad, e das forças armadas dos Estados Unidos, estas sem serem convidadas. O conflito foi escolhido como um estudo de caso para apoiar na avaliação de um importante ator extrarregional, em relação ao Oriente Médio e ao Norte da África: a Rússia. A escolha deste ator para compor esta análise baseou-se nos critérios de relevância internacional de cada um destes e no impacto de suas respectivas decisões para o estudo de caso selecionado.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise do posicionamento da Rússia sobre a questão síria. Nesse contexto, o conflito sírio é importante para entender a abordagem prática dos atores escolhidos. O período temporal escolhido para a análise foi entre a década de 2010, se limitando aos anos 2011 e 2019.

O conflito na Síria

Para visualizar a guerra civil decorrente na Síria, é necessário entender o evento da chamada “Primavera Árabe”. A questão dos acontecimentos ao redor do mundo muçulmano, iniciados a partir de protestos na Tunísia em 2010, foi uma série de levantes generalizados que se desenvolveram principalmente em países de maioria étnica árabe e que levaram à queda de velhos regimes já muito consolidados. As razões estruturais que levaram à eclosão dos movimentos foram produzidas por uma complexa e única combinação de fatores objetivos e subjetivos, endógenos e exógenos, sociais e pessoais (Grinin *et al*, 2019, p. 127). Em grande medida, as principais causas do surgimento da “Primavera Árabe” se dá pelas dificuldades socioeconômicas das respectivas populações, das quais enfrentavam grandes desigualdades sociais, aumento do desemprego e um desproporcional acesso aos serviços públicos. Adicionado a isso, os regimes autoritários presentes em grande parte do mundo árabe se mostravam corruptos, abusivos e sem comprometimentos com instituições independentes (Ibid, p. 128). No caso tunisiano, o país fora governado desde 1997 por Zine el-Abidine Ben Ali, que mesmo reprimindo duramente as manifestações, foi obrigado a renunciar e fugir para a Arábia Saudita.

O processo de ruptura na Tunísia iria repetir um padrão que se tornaria bastante conhecido pelos Estados do mundo árabe (Moussa, *et al*, 2018, p. 246). Posteriormente, se desenvolveram na vizinha Líbia, avançando pelo Egito, Jordânia, Arábia Saudita, Iêmen e

Síria. No geral, a reação das lideranças políticas nesses países foram exacerbadas de três formas: renúncia devido às pressões da sociedade, a promoção de reformas ou repressão (Ibid, p. 245).

Tendo em vista a dimensão dos eventos, houve também uma atuação de Estados e organizações extrarregionais. Para Bandeira (2013), a eclosão da “Primavera Árabe” foi proporcionada e intensificada por operações de inteligência e propaganda dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), particularmente os Estados Unidos, com o objetivo de *regime change* em países da região. Além disso, a OTAN contribuiu diretamente para a queda do regime líbio de Muammar Kadafi, a partir da promoção de bombardeios à Líbia, que enfraqueceram as forças do governo e isso levou a sua derrubada pelos rebeldes da oposição.

Pode-se dizer que a “Primavera Árabe” foi uma onda de protestos que envolveram a maior parte do mundo árabe (Moussa, *et al*, 2018, p. 249). Das diversas consequências para o Oriente Médio, as principais foram a ascensão do extremismo religioso e a instabilidade política.

Na Síria, o processo de instabilidade se iniciou em 2011, a partir de questões políticas, econômicas e sociais, do qual uma série de protestos evoluiu para uma sangrenta guerra civil. Assim:

O cenário no início do conflito era semelhante ao de outros países. Os graves protestos pró-democracia contra o regime sírio eclodiram em Daar, cidade do sul da Síria, após a prisão e tortura de alguns adolescentes que pintaram slogans revolucionários em um muro em 6 de março de 2011. A escalada do conflito ocorreu depois que as forças de segurança abriram fogo contra os manifestantes, matando vários deles. (Ibid, p.248)

Nessa conjuntura, a partir da repressão aos protestos da oposição síria, se formou o cenário de guerra civil no país, um conflito marcado pela tremenda fragmentação do Estado e de sua internacionalização. Em relação aos posicionamentos, se destacam como as principais forças o governo de Bashar Al Assad, representado militarmente pelas maior parte das Forças Armadas sírias e alguns membros das elites que se mantiveram leais; e a oposição ao regime.

O governo sírio, liderado pelo Presidente, tem como base de seu poder o partido Baath e as Forças Armadas da Síria. Bashar Al Assad tem governado representando a população minoritária no país que seguem de uma vertente do Islã xiita chamada de Alauitas, da qual é membro, além de uma pequena parcela da elite sunita e cristã sírias (GARZÓN *et al*, 2015, p. 17). Ademais, o regime conta com apoio de um grupo paramilitar financiado pela própria

família Al Assad chamado Frente Nacional Progressista, sendo este uma união de diversos partidos políticos do país (Ibid, p. 18). Tendo isso em vista, diferentemente da oposição, o governo conseguiu manter uma estrutura unificada e hierarquizada, o que faz com que a Síria ainda funcione como Estado, mesmo que muito enfraquecido pelos combates (Ford, 2019, p. 4). Apesar dessa certa manutenção da organização estatal poder ser considerada uma vantagem em relação aos rebeldes, que eram divididos em diversos grupos, na prática isso pouco teve efeito no início do conflito, quando a oposição fez seus maiores avanços, porém evitou o colapso das Forças Armadas e, junto com elas, o governo Assad.

Ainda que inicialmente incapaz de manter o controle de todo o território sírio, o regime de Assad rejeitou as demandas da oposição e insistiu no seu controle sobre as instituições, rejeitando assim um compartilhamento de poder ou qualquer oferta de reformas políticas (Ibid). Isso barrou o sucesso de qualquer negociação que se tentou fazer e possibilitou a continuidade das hostilidades, das quais Damasco, controlada pelo governo, conseguiu aos poucos recuperar a maior parte dos territórios perdidos.

No campo internacional, Assad tem como principal apoio a Rússia e o Irã. Outro importante aliado foi o grupo libanês Hezbollah, tendo feito uma intervenção militar crítica em apoio ao regime na província de Homs, ainda em 2013 (Ibid, p. 5). Importante notar que as forças leais ao governo sírio eram dependentes do apoio externo de seus aliados para continuar a luta, com as intervenções tendo sido essenciais para a recuperação dos territórios sob o domínio dos rebeldes.

A oposição ao regime é bastante diversa, levando em conta alguns setores populares que protestaram em 2011 e grupos paramilitares que foram intensamente reprimidos ao longo do governo da família Al Assad. Em primeiro lugar, é importante notar que, no decorrer dos levantes de 2011, houveram tentativas pacíficas de unificar os grupos de oposição sírios e organizá-los para pressionar o governo de Assad. Os maiores destaques disso se deram por lideranças exiladas no exterior, particularmente o caso do Conselho Nacional Sírio. Tais iniciativas se demonstraram um fracasso, principalmente porque foram inefetivas em atrair os principais grupos de oposição e de transformar o apoio, principalmente político e diplomático, recebido do exterior em resultados concretos (Philips, 2013, p. 20). Assim, diante da inabilidade da oposição política e da violenta resposta do regime, grupos armados rebeldes passaram a revidar e ganhar força, transformando as manifestações em uma sangrenta guerra civil (Ibid, p. 21).

Em relação aos grupos armados a favor da derrubada do Presidente Assad, é importante destacar:

[...] não há um grupo rebelde unificado com liderança e comando único definido. Os rebeldes são diluídos por todo o território do país, contudo em sua maioria os grupos carregam o objetivo comum de remover o governo do presidente Assad do poder. Um dos principais grupos é o Exército Livre da Síria, formado por civis e militares desertores, que além de lutar por uma transição pacífica e democrática do poder, também são atores fundamentais na luta contra o Estado Islâmico, mantendo diversas regiões libertas. Há ainda o Conselho do Comando Revolucionário, uma entidade que tenta unificar as facções e acabar com as divergências de mais de 70 grupos rebeldes sírios. Estima-se haver cerca de 100 mil combatentes rebeldes, alguns com forte tendência extremista e com vínculos com a Al-Qaeda. Os grupos moderados têm o apoio principalmente dos Estados Unidos da América (EUA). (Soares, 2018, p. 2)

Apesar de não estarem unificados, as principais organizações opositoras passaram a ganhar certa popularidade na sociedade do interior e força, através da admissão de ex-membros das Forças Armadas Sírias em suas colunas e, principalmente, do apoio material externo de países como a Turquia, Arábia Saudita e Catar. Assim, a partir de 2012, os rebeldes começaram a se sobrepôr aos militares leais ao regime, capturando bases militares e armamentos do governo, tendo, em 2013, conseguido lançar uma grande ofensiva sobre a cidade economicamente mais importante da Síria, Aleppo, e conquistar grandes extensões de terra no norte do país (Philips, 2013, p. 22). Para além da formação interna, a oposição rebelde era apoiada pelos Estados Unidos e alguns aliados no Oriente Médio. A depender do posicionamento do grupo, uns eram apoiados pela Arábia Saudita e Catar, enquanto outros pela Turquia.

Mesmo diante dos sucessos iniciais, a falta de unidade entre os rebeldes dificultou seu progresso. Além disso, a intervenção militar direta de aliados do governo Assad, principalmente Rússia e Irã, enfraqueceu a oposição e possibilitou a oportunidade do regime de recuperar a sua autoridade sobre a maior parte do país até 2019.

Para além dessas partes, destaca-se que também combateram organizações extremistas internacionais, como a Al Qaeda e o Estado Islâmico da Síria Iraque e Levante (ISIS). Esses grupos, principalmente o ISIS, se aproveitaram da instabilidade possibilitada pela guerra e tomaram diversas cidades no interior da Síria, chegando a serem grandes riscos para o governo em Damasco.

Em relação ao Estado Islâmico, assim como a Al Qaeda, o grupo não é uma novo, remontando a atuações no Afeganistão e na Jordânia na década de 1990, que ganhou força e destaque do público com a sua atuação localizada no Iraque, tirando proveito da instabilidade decorrente no país (Bercito, 2023, p. 79). A organização se consolidou como um ator relevante no conflito sírio através da sua expansão sobre o território da Síria ainda em 2013 e da conquista total da cidade de Raqqa em 2014, da qual foi declarada capital do grupo no

país. Ao afirmar-se como um importante ator, através do controle de território entre a Síria e o Iraque, o Estado Islâmico se expandiu, proclamando um califado em 2014. A partir dessa consolidação territorial, o EI passou a planejar e executar progressivamente atentados no Oriente Médio e capitais na Europa (Ibid). Ainda em 2014, em relação a Síria, diversos atores se engajaram no combate ao EI, sob o apoio de outros países como os Estados Unidos e a Rússia, o que fez com que a expansão territorial do grupo parasse e gradualmente se retraísse, até a sua proclamada derrota em 2019.

No caso da Al Qaeda, o grupo buscou se revitalizar após a morte de Osama Bin Laden em 2011, a partir da entrada efetiva do grupo na guerra civil síria em oposição ao regime de Assad. Para tirar vantagem do conflito, a Al Qaeda fez uma série de operações, em cooperação com alguns grupos rebeldes, para lutar contra as forças governamentais e fazer da sua luta contra o regime sírio uma importante peça de propaganda (Jones, 2018, p. 181). Apesar disso, destaca-se que a Al Qaeda falhou em tirar vantagem da instabilidade na Síria (Ibid, 182), principalmente devido à expansão do ISIS, que ofuscou a máquina de propaganda do grupo e ameaçou as atividades do mesmo no país. Assim, Jones (2018) explica que: “De acordo com os defensores desse ponto de vista, a al-Qaeda moderou sua marca, alavancou grupos locais e se absteve da barbárie macabra perpetrada pelo Estado Islâmico (ISIS) para parecer mais populista e focada localmente” (p. 181-182). É importante mencionar que houve tentativas do grupo de preencher o vácuo de poder deixado pela queda do Estado Islâmico em 2017, porém o grupo tinha falta de apoio popular, além do fortalecimento do regime sírio após a entrada de tropas da Rússia no conflito.

Outro grupo muito relevante no conflito foram os curdos da região de Rojava (Curdistão sírio). Nesta região, tal grupo étnico se subdividiu com algumas organizações político-militares, com certa autonomia do governo e, inclusive, com um exército próprio, com protagonismo do Partido Democrático do Povo.

Ao longo do período do regime do partido Baath, os curdos sírios tiveram muitos problemas com o governo central, com Damasco mantendo um contingente de militares no Rojava, garantindo assim um certo controle sobre os grupos da região. Diante das hostilidades, Assad foi forçando a retirar suas tropas do Curdistão sírio, e as principais organizações curdas se aproveitaram do vácuo de poder deixado pelo governo para aumentar a sua autonomia, porém se recusaram a aliar-se aos rebeldes na luta contra o regime (Phillips, 2013, p. 23).

Os curdos adquiriram um grande protagonismo no combate aos extremistas do Estado Islâmico, sendo inclusive apoiados por algumas potências extrarregionais, como os

Estados Unidos, que tentou mediar uma aliança entre curdos e grupos árabes para a formação das Forças Democráticas Sírias. Para Ford (2019), os principais grupos do Rojava, com destaque para os Partido Democrático do Povo e as Unidades de Proteção Popular, eram a base da FDS (p. 10). Além disso, mantinham ligações e parcerias com a Rússia e o governo Assad, principalmente em questões relacionadas ao combate do EI.

A intervenção da Rússia

O envolvimento da Rússia na questão síria se deu a partir do terceiro mandato de Vladimir Putin na presidência do país, após um período como Primeiro-Ministro de Dmitri Medvedev (2008 - 2011). Assim como o caso estadunidense, a assertividade do posicionamento russo foi evoluindo ao longo da primeira metade da década de 2010, a partir do desenrolar dos acontecimentos da “Primavera Árabe” e do posterior conflito na Síria. Dessa forma, a atuação de Moscou foi de apoio indireto ao regime de Assad até uma intervenção militar no país em 2015.

A reação do Kremlin à “Primavera Árabe” foi algo incoerente, com as posições russas tendo sido muito vagas e contraditórias, pelo menos até a eclosão da guerra civil na Síria (Abu-Tarbush e Granados, 2018, p. 18). Inicialmente, o início dos protestos na Tunísia foi tratado com indiferença pela Rússia e uma certa preocupação com as mudanças de regime no Egito, principalmente devido à relevância do país no subsistema internacional árabe (Ibid). Apesar disso, Moscou reconheceu de forma pragmática as transformações que ocorreram no Egito e aceitou se relacionar com o governo da Irmandade Muçulmana (Dannreuther, 2018, p. 4), o que demonstra a contradição no posicionamento russo e as dificuldades apresentadas, tendo em vista os eventos daquele período. Foi apenas a partir do início das rebeliões na Líbia que Moscou passou a ver como ameaça tais eventos e se posicionou a favor da manutenção do *status quo* regional.

No caso da Líbia, diante dos protestos e do início das hostilidades entre o governo de Muammar Kadafi e grupos rebeldes armados, o Conselho de Segurança das Nações Unidas se reuniu em 2011 e aprovou a resolução 1973, autorizando uma zona de restrição aérea no país, com abstenção russa. Em grande medida, essa decisão abriu um precedente para que os países da OTAN, particularmente os Estados Unidos, liderassem uma coalizão para interferir na Líbia com o objetivo de ajuda humanitária, tendo promovido inclusive campanhas de bombardeio contra as forças leais ao regime. Assim, explica-se que:

A partir do final de março de 2011, a postura diplomática da Rússia foi cada vez mais crítica em relação à implementação militar do mandato do Conselho de Segurança,

especialmente quando a coalizão focou mais claramente sua campanha na derrubada do regime de Gaddafi e a possibilidade de uma operação terrestre se tornou mais provável. (Allison, 2013, p. 797) (Tradução própria)⁷

Esse cenário fez com que Moscou entendesse as ações da OTAN como uma forma de promover a mudança de regime e que isso gerava grande preocupação no Kremlin pois poderia “criar um profundo vácuo político que seria explorado por setores islâmicos mais radicais, como os jihadistas” (Abu-Tarbush e Granados, 2018, p. 19). Para a Rússia, isso seria prejudicial, pois o caos e a instabilidade dessa região poderia atingir territórios adjacentes do Cáucaso e a Ásia Central, assim como a República da Chechênia, todos afetados por insurgências de grupos jihadistas (Ibid).

Tais acontecimentos fizeram com que o Kremlin revisse sua política e posicionamento em relação aos eventos decorrentes, passando da indiferença para uma atuação mais incisiva e assertiva na região. Dessa forma, a Líbia foi um importante precedente da posição que a Rússia tomou na Síria, considerando que deveria evitar que o cenário libio se repetisse em território sírio (Ibid, p. 23).

O início dos protestos nas cidades sírias em 2011, ainda durante o desenvolvimento da crise na Líbia, alarmou os estadistas russos, que temiam uma réplica do que aconteceu em diversos países no Norte da África na Síria, um tradicional aliado, e que isso poderia minar a influência de Moscou no Oriente Médio. Assim, a Rússia procurou evitar comparações da crise em desenvolvimento na Síria com a questão da Líbia e maneiras pelas quais a comunidade internacional poderia responder (Allison, 2013, p. 798).

De maneira geral, o caso sírio preocupava muito o Kremlin devido aos fatores geográficos, o país era próximo das áreas de influência russa no seu entorno regional, e políticos, uma vez que ambos os países eram tradicionais parceiros e isso manteria uma limitada presença de Moscou no Oriente Médio (Abu-Tarbush e Granados, 2018, p. 25). Além disso, do ponto de vista geopolítico, “da perspectiva de Moscou, a implosão da Síria desestabiliza ainda mais a região, com extremistas sunitas invadindo os estados vizinhos, acabando por enviar combatentes radicalizados para partes russas do Cáucaso e da Ásia Central” (Kofman, 2020, p. 3).

Mesmo diante da preocupação russa com relação aos protestos na Síria, os primeiros meses de 2011 foram marcados por solicitações à Damasco por reformas para apaziguar as

⁷ From late March 2011 Russia’s diplomatic stance was increasingly critical of the military implementation of the Security Council mandate, especially as the coalition more clearly focused its campaign on overthrowing the Gaddafi regime and as the possibility of a ground operation became more likely. (Texto original)

demandas dos manifestantes, com os estadistas russos acreditando que um diálogo construtivo e reformas políticas, econômicas e sociais poderiam levar a estabilidade no país (Abu-Tarbush e Granados, 2018, p. 29). A pressão russa não foi suficiente para evitar que Assad respondesse violentamente aos levantes, dando início a guerra civil.

Em um primeiro momento, Moscou se limitou a trabalhar com as Nações Unidas no desenvolvimento de um plano de paz, ao mesmo tempo que evitava uma interferência extrarregional, particularmente aos moldes do que ocorreu na Líbia. Uma das grandes ações nesse sentido foi barrar, desde 2011, juntamente com a China, resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas que pudessem abrir brechas para qualquer intervenção internacional na Síria. Além disso, entre 2011 e 2014, a Rússia providenciou apoio militar, através do envio de armas e instrutores militares, e exibições constantes de projeção do poderio militar, como patrulhas aéreas e navais próximas às fronteiras sírias (Dannreuther, 2018, p. 7).

Mesmo com o apoio russo, entre 2011 e o início de 2015 o governo de Bashar al-Assad não conseguiu estabilizar a situação interna, com diversas derrotas militares e perdendo o controle de diversos pontos importantes do território sírio para a oposição, que chegou a ameaçar a capital, Damasco, em diversos momentos. Vale notar que a situação se deteriorou ainda mais com a expansão do Daesh para a Síria e a sua conquista de importantes cidades, como Palmyra, no centro do país. Em suma, em termos territoriais, o regime sofreu uma enorme pressão de seus adversários, com a corporação RAND (2022) afirmando que, em meados de 2015, Assad controlava aproximadamente um quinto do território sírio, com as forças da oposição e do EI ocupando áreas consideráveis das principais cidades sírias, instalações militares, estradas e infraestrutura, além de campos de óleo e gás (Simpson *et al*, 2022, p. 15). Em termos políticos e diplomáticos, crescia o isolamento do governo sírio, com o país sofrendo com sanções unilaterais do Ocidente e sendo suspenso de diversos fóruns internacionais, como a Liga Árabe.

As dificuldades enfrentadas por Damasco preocupavam Moscou, com muitos analistas russos, em 2015, acreditando no iminente colapso do regime sírio (Ibid, p. 1). Adicionado a isso, a ascensão do EI ligava o alerta no Kremlin, considerando que a consolidação de um Califado Islâmico no Oriente Médio afetaria a situação interna da Rússia diretamente, considerando a influência que teria em organizações jihadistas na Chechênia e no Daguestão, além do fato de que, até 2015, entre 5 mil e 7 mil pessoas oriundas de ex-Estados soviéticos se juntaram na luta pelo EI (Lavrov, 2018, p. 47).

A partir dessas considerações, a Rússia preparou-se para intervir diretamente no conflito, visando atingir dois grandes objetivos: a manutenção do regime; a contenção da expansão do Estado Islâmico. A permanência do decorrente governo sírio no poder se mostrou a principal motivação para a interferência russa, como demonstrado pelos dados da corporação RAND (2022) afirmando que 80% de todos os ataques aéreos russos no primeiro mês foram direcionados para grupos armados da oposição síria. Em grande medida, o Kremlin buscava, através de uma campanha militar, a restauração da Síria como um Estado e, ao mesmo tempo, evitar o colapso do regime, sem necessariamente vincular a manutenção da personalidade de Assad (Kofman, 2020, p. 4). Em relação à luta contra o EI, apesar de ser oficialmente o principal objetivo russo na Síria, em um primeiro momento, foi considerado subsidiário. Ainda assim, era de grande importância para Moscou a contenção e derrota da organização, tendo em vista a sua grande ameaça para a segurança nacional da Rússia no longo prazo. Além desses objetivos, é importante considerar outras razões-chave para a entrada russa nas hostilidades, destacando restringir ações dos Estados Unidos na Síria e prevenir “aventuras” ocidentais nos moldes do que aconteceu no Iraque, Líbia e Ucrânia; e, por fim, que os esforços da comunidade internacional para uma resolução pacífica do conflito estagnaram em 2015 (Simpson *et al*, 2022, p. 18).

Diante desses objetivos, em agosto de 2015, Rússia e Síria assinaram um acordo que transferiu o controle da base aérea Hmeimim, na província de Latakia, para as forças russas, da qual seria uma área militar para Moscou. A partir disso, em setembro de 2015, a Força Aérea Russa iniciou uma pesada campanha de bombardeios contra as forças rebeldes nas províncias de Homs, Hama, Latakia, Idlib e Aleppo e contra o EI nas regiões de Raqqa e Deir al-Zour, no que ficou conhecido como Operação *Vozmezdie*. Assim, iniciou-se a intervenção russa no conflito sírio, que, no auge das operações em 2016 e 2017, viria a contar com aproximadamente 40 aviões de guerra, 20 helicópteros de ataque, apoiados por navios e submarinos da marinha russa alocados no porto de Tartus e bombardeiros estratégicos que saiam de bases na Rússia para atuar na Síria (Lavrov, 2018, p. 50). Adicionado a essas forças, foram empregados na Síria a força de elite *Spetsnaz* e companhias militares privadas, com destaque para o *Wagner Group*, em apoio às operações terrestres de seus aliados. Também foi empregado na Síria, por um breve período, o único porta-aviões russo o Almirante *Kuznetsov*, capaz de levar 14 aeronaves e meia dúzia de helicópteros, o que marcou como a primeira operação de uma embarcação dessa classe na história naval russa (Simpson *et al*, 2022, p. 33). É importante lembrar que a justificativa oficial para o envio dessa força expedicionária à Síria foi para combater o Daesh.

Sobre a abordagem militar russa, é importante destacar que:

[...] estratégia russa tinha como premissa a utilização de forças sírias, iranianas e outras na luta. Essas forças seriam posteriormente complementadas por mercenários russos, por exemplo, a empresa militar privada (ChVK) Wagner Group, em campo na forma de vários grupos táticos de batalhão. Os líderes militares e políticos da Rússia procuraram evitar não ser sugados para a Síria e, eventualmente, ficar em uma uma posição em que estivessem sendo usados por por atores locais, em vez de ter influência eles mesmos. (Kofman, 2020, p. 6) (Tradução própria)⁸

A intervenção militar e a estratégia russa começaram a dar grandes resultados territoriais na segunda metade de 2016, com a tomada completa da cidade de Aleppo em dezembro, tendo sido antes da guerra a maior cidade do país e um importante reduto de grupos rebeldes. Outro ponto importante, foi a negociação de um cessar fogo com os opositores apoiados pelos Estados Unidos, após a queda de Aleppo, coincidindo com uma ofensiva dual contra o EI na província de Homs e Deir al-Zour, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017 (Simpson *et al*, 2022, p. 35). O ano de 2017 foi marcado por grandes ofensivas por parte do governo sírio, apoiado pela Rússia, e de foco no combate ao Daesh, com as forças do regime lutando pelo controle de Palmyra, avançando em direção às províncias de Raqqa, Hama e Homs; e quebrando o cerco do grupo a cidade de Deir al-Zour, iniciado três anos antes, e retomando assim o completo controle desta em novembro de 2017. Apesar de em 2017 ter havido uma prioridade no EI, houve importantes batalhas e vitórias de Assad contra os grupos opositores, como a conquista da cidade de Homs em maio de 2017, já tendo sido considerada a “Capital da rebelião” (Ibid, p. 37). Em 2018, houve a consolidação dos territórios retomados pelo governo e o início da estabilização da frente de batalha em relação a este e os grupos rebeldes. Inicialmente, é importante considerar que já no final de 2017, o Presidente russo, Vladimir Putin, anunciou a “vitória completa” sobre o EI e sua expulsão das duas margens do rio Eufrates, com a batalha em Deir al-Zour tendo sido o último grande engajamento das forças russas com a organização (Ibid, p. 42). Em relação à oposição, em 2018, o governo sírio iniciou ataques para a expulsão completa destes dos arredores de Damasco, com os territórios em Idlib e Daraa se tornando os últimos grandes bolsões dos revoltosos. Assim, a partir de 2018 o governo de Assad passou a controlar

⁸ [...] the Russian strategy was premised on Syrian, Iranian, and other forces doing the fighting. These would subsequently be supplemented by Russian mercenaries, for example private military company (ChVK) Wagner Group, fielded in the form of several battalion tactical groups. Russia’s military and political leaders sought to avoid getting sucked into Syria, and eventually being in a position where they were being used by local actors rather than having leverage themselves. (Texto original)

aproximadamente 57% de todo o país. Diante dessa situação, a Rússia anunciou uma retirada parcial das suas forças da Síria ainda em 2018.

Em grande medida, os principais resultados obtidos dessa intervenção na Síria, para a Rússia, foi a manutenção do regime de Assad no poder, mesmo que sem o total controle do país, que, em retorno pela assistência, assinou um acordo renovando o controle sobre a base naval russa de Tartus por mais 49 anos (Lavrov, 2018, p. 53), garantindo assim a permanência de um importante aliado e uma limitada influência russa sobre o Oriente Médio. Nesse sentido, em relação a personalidade do próprio Assad, é importante mencionar que: “Inicialmente, a Rússia não insistia em manter Assad no poder e estava pronta para alguma forma de transição política. Mas agora, após a série de vitórias militares do governo, a Rússia parece mais comprometida com a sua permanência no poder” (Ibid).

Outro ponto importante foi que Moscou foi essencial para a destruição dos grupos de oposição como forças militares viáveis, além de coibir atores externos a mudarem suas políticas externas com relação à Síria (Kofman, 2020, p. 21). Em relação ao Daesh, a intervenção russa, em grande medida, contribuiu para o recuo e desintegração dos domínios territoriais da organização, porém se limitou a expulsão da Síria e em garantir a consolidação dos territórios recuperados como domínios do regime.

Finalmente, é importante destacar os aprendizados dessa atuação para as Forças Armadas da Rússia, uma vez que foi utilizado como termômetro da atuação militar internacional após as reformas de 2008 e após a grande onda de modernização e reaparelhamento a partir de 2011 (Ibid, p. 16). Um importante fator de aprendizagem foi o grande acúmulo de experiência da Força Aérea Russa, que em grande maioria apresentava pilotos inexperientes e com pouco contato com armamentos modernos. Também se desenvolveu uma maior integração na atuação tática e operacional dos três ramos da Forças Armadas, sendo identificados diversos problemas de comunicação e reconhecimento tático, com as modernas armas de alta precisão, localizar alvos é uma tarefa mais difícil do que atingi-los de fato” (Lavrov, 2018, p. 54). Por fim, foi considerado um fracasso o posicionamento do porta-aviões russo, Almirante Kuznetsov, na Síria, particularmente porque só conseguiu operar o lançamento de apenas 154 ataques, com duas aeronaves sendo perdidas em lançamento por problemas técnicos. Por isso, o navio ficou no teatro de operações sírias apenas entre 2016 e 2017, sendo posteriormente realocado para a Rússia, com o objetivo de modernizá-lo. Apesar disso, destaca-se que:

A Marinha conseguiu recuperar um pouco sua reputação com o lançamento bem-sucedido de mais de cem mísseis de cruzeiro Kalibr de fragatas, pequenas corvetas e submarinos a diesel. Essa nova arma foi testada em batalha pela primeira vez durante a intervenção russa na Síria. Com ela, os navios agora podem atacar alvos terrestres até 1.500 quilômetros da costa - um recurso útil que a Marinha russa não possuía anteriormente. (Ibid, p. 55)⁹

Conclusão

Este artigo buscou demonstrar a atuação da Rússia no conflito decorrente na Síria. Nesse sentido, entende-se que o posicionamento russo foi evoluindo à medida que aumentava as dificuldades do regime de Bashar Al Assad e se expandiam os grupos de oposição, muitos dos quais eram apoiados pelos Estados Unidos, e as organizações jihadistas no país. Assim, Moscou passou de apenas suporte diplomático e logístico ao governo, para um apoio militar direto, sendo visto como determinante para a manutenção do partido Baath no poder.

Por fim, conclui-se que a Rússia conseguiu manter um importante aliado no Oriente Médio, o que possibilitou ao país a manutenção de bases militares que permitem o acesso russo ao Mediterrâneo. Além disso, garantiu uma maior influência do Kremlin sobre a região.

Referências

ABU-TARBUSH, José; GRANADOS, Javier. LA POLÍTICA EXTERIOR DE RUSIA EN ORIENTE MEDIO: SU INTERVENCIÓN EN SIRIA. REVISTA ELECTRÓNICA DE ESTUDIOS INTERNACIONALES , [s. l.], p. 1 - 41, 2018. Disponível em: <http://www.reei.org/index.php/revista/num35/articulos/politica-exterior-rusia-oriente-medio-su-intervencion-siria>. Acesso em: 30 out. 2024.

ALLISON, Roy. Russia and Syria: explaining alignment with a regime in crisis. International Affairs, [s. l.], v. 4, n. 89, p. 795 - 823, 2013. Disponível em: <https://academic.oup.com/ia/article/89/4/795/2417157>. Acesso em: 30 out. 2024.

BANDEIRA, L. A. M. Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. 6. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2013. 714 p.

⁹ The Navy managed to redeem its reputation somewhat with the successful launch of over a hundred Kalibr cruise missiles from frigates, small corvettes, and diesel submarines. This new weapon was tested in battle for the first time in the course of Russia's intervention in Syria. With it ships were now able to attack ground targets up to 1,500 kilometres from the coast – a useful capability which the Russian Navy did not previously possess. (Texto original)

BERCITO, Diogo. O apogeu do Estado Islâmico (2013-2017). *In*: BASSI, Danilo G. *et al.* Para começar a entender o Estado Islâmico. Rio de Janeiro: UFRJ editora, 2023. cap. 2, p. 79 - 95.

BUZETTO, MARCELO. Batalha da Síria e a nova geopolítica do Oriente Médio. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, v. 56, ed. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/9052/5754>. Acesso em: 7 out. 2023.

DANNREUTHER, Roland. Understanding Russia's return to the Middle East. *International Politics*, Londres, p. 726-742, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41311-018-0165-x>. Acesso em: 30 out. 2024.

DROZ-VINCENT, Philippe. "State of Barbary" (Take Two): From the Arab Spring to the Return of Violence in Syria. *The Middle East Journal*, [s. l.], v. 68, n. 1, p. 33-58, 2014.

FORD, Robert S. THE SYRIAN CIVIL WAR: A NEW STAGE, BUT IS IT THE FINAL ONE?. Middle East Institute, [s. l.], p. 1 - 21, 2019. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/syrian-civil-war-new-stage-it-final-one>. Acesso em: 19 out. 2024.

GARZÓN, Ingrid Viviana Garzón. Las relaciones internacionales de la guerra civil siria a partir de un enfoque regional: hegemonía y equilibrio en Medio Oriente. *Estudios Politicos*, [s. l.], p. 13-32, 2015.

GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey; TAUSCH, Arno. Islamism, Arab spring, and the future of democracy. *World System and World Values Perspectives*. N. p.: Springer, 2019.

HOURANI, Albert Habib *et al.* Syria. [S. l.]: Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Syria>. Acesso em: 7 out. 2023.

KOFMAN, Michael. SYRIA AND THE RUSSIAN ARMED FORCES AN: EVALUATION OF MOSCOW'S MILITARY STRATEGY AND OPERATIONAL PERFORMANCE. [S. l.]: Foreign Policy Research Institute, 2020. 26 p. Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2020/09/about-the-book-russia-war-syria/>. Acesso em: 30 out. 2024.

KOZHANOV, Nikolay. Russian Policy Across the Middle East: Motivations and Methods. Chatam House: the Royal Institute of International Affairs, Londres, 2018.

KOZHANOV, Nikolay. "Russian Foreign Policy in the Middle East: New Challenge for Western Interests?." The Russia File: Russia and the West in an Unordered World, Center for Transatlantic Relations, Washington DC (2017): 101-125.

JONES, Seth G. Al-Qaeda's Quagmire in Syria. Survival : Global Politics and Strategy, [s. l.], v. 5, ed. 60, p. 181-198, 2018.

LAVROV, Anton. Russia in Syria: a military analysis. In: BARNES-DACEY, Julien *et al.* Russia's return to the Middle East. Paris: European Union Institute for Security Studies, 2018. cap. 5, p. 47-56. Disponível em: <https://www.iss.europa.eu/content/russia%E2%80%99s-return-middle-east-building-sandcastles>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MOUSSA, Samuel Sahel *et al.* ARAB SPRING AS A BACKGROUND OF CIVIL WAR IN SYRIA. International Conference KNOWLEDGE-BASED ORGANIZATION, [s. l.], v. 24, n. 1, 2018.

NAÇÕES UNIDAS. Syria situation. UNHCR, 2023. Disponível em: <https://reporting.unhcr.org/operational/situations/syria-situation>. Acesso em: 7 out. 2023.

PHILLIPS, Christopher. The Civil War in Syria: The Variety of Opposition to the Syrian Regime. European Institute of the Mediterranean, [s. l.], p. 19 - 24, 2013. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/the-civil-war-in-syria-the-variety-of-opposition-to-the-syrian-regime/>. Acesso em: 19 out. 2024.

RUSSIA. Russian National Security Strategy. Moscou, 2015. Disponível em: <https://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SIMPSON, Michael. Road to Damascus: The Russian Air Campaign in Syria, 2015 to 2018. Santa Monica: Rand Corporation, 2022. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RRA1170-1.html. Acesso em: 3 nov. 2024.

SOARES, JOÃO VICTOR S. A Guerra Civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. Conflitos Internacionais - UNESP, São Paulo. V. 5, n. 1. 2018.

SOBRAL, Ivo. Síria entre Progressismo e Tradicionalismo. *Africana Studia*, Porto, n. 12, p. 67-73, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/AfricanaStudia/article/view/7282/6670>. Acesso em: 7 out. 2023.

ZISSER, Eyal. Syria – from the six day war to the Syrian civil war. *British Journal of Middle Eastern Studies*, [s. l.], v. 44, n. 4, p. 545-558, 2017.